
O encontro dos tempos em Alexei Bueno

*Salete Rosa Pezzi dos Santos**

Resumo: Com reconhecida habilidade no manejo das formas fixas, o poeta carioca Alexei Bueno representa uma das faces da modernidade da poesia brasileira, apresentando uma produção poética plena de imagens permeadas de força lírica, a qual revela um domínio que ora explora o verso medido, ora o verso livre. Em Poemas gregos e Lucernário, o poeta trilha a genealogia helênica através da mitologia e estabelece uma interlocução com tempos imemoriais, remontando temas e personagens ligados à Antiguidade clássica, os quais percorrem a obra do poeta, somando-se às características que diferenciam o seu trabalho de outras vertentes da moderna poesia brasileira.

Palavras-chave: poemas gregos, Lucernário, diálogo com os tempos.

Abstract: With his renowned ability in handling fixed forms, the Carioca poet Alexei Bueno represents one of the faces of modernity in the Brazilian poetry, with his poetic production full of images permeated by lyric strength, disclosing a domain that sometimes explores verses in rhythm and rime, and sometimes free verses. In Poemas gregos and Lucernário, the poet goes through the path of Hellenic genealogy to mythology and establishes and interlocution with immemorial times, speaking of themes and characters bound to classical antiquity, which go through the poet's work, associating to characteristics that differentiate his work from other trends of modern Brazilian poetry.

Key words: poemas gregos, Lucernário, dialogue with times.

Caronte, juntos agora remaremos:
eu com a música, tu com os remos.
Meus pais, meus avós, meus irmãos,
já também vieram, pelas tuas mãos.
Mas eu sempre fui a mais marinheira:
trata-me como tua companheira.
(Cecília Meireles)

* Professora no Departamento de Letras da UCS; Mestre e doutoranda em Letras pela UFRGS.
E-mail: sarpsantos@terra.com.br

Introdução

Alexei Bueno:¹ vinte anos de produção poética, de uma poesia que se funde à essência das coisas e dialoga com os tempos, comungando com diversas vozes. Moriconi (2002), ao analisar a poesia brasileira dos anos 90, pondera:

É grande a diversidade nas buscas de caminhos mais elaborados, alternativos ao coloquial chão dos 70. Predomina o poema curto, mas há vozes remando contra a corrente, como a de Alexei Bueno, que insiste no verso longo, prolífico, prolixo. (p. 135).

Obra de um lirismo vigoroso, o trabalho do poeta revela tanto o gosto pela métrica quanto pelos versos livres, estabelecendo uma interlocução com os mundos grego e romano. Ibáñez Langlois (1988, p. 81) afirma que “todas as verdadeiras e duráveis revoluções na poesia têm buscado seu impulso nas profundas raízes do passado, no redescobrimento de algum século passado”. Para Alexei Bueno, o tesouro estético herdado das gerações passadas é um dos legados mais inestimáveis para a poética atual. Assim, Alexei Bueno, com uma considerável habilidade no manejo das formas fixas, representa uma das faces da modernidade na poesia brasileira, apresentando uma poesia plena de imagens de alta potência lírica, a qual revela um domínio que ora explora o verso medido, ora o verso não metrificado, pois, de acordo com o próprio autor, “cada poema exige sua forma”.

Alexei Bueno conta com uma vasta produção literária, além de atuar como editor, organizador de obras clássicas das literaturas brasileira e portuguesa e tradutor de outras, entre as quais *As quimeras*, de Gerard de Nerval. Além disso, é sempre possível acompanhar a trajetória do autor como conferencista convidado para aulas magnas em universidades de renome do País, o que reforça o prestígio e a credibilidade em seu trabalho. Picchio (2003, contracapa), ao referir-se à produção poética de Alexei Bueno, afirma:

Pelo seu intelectualismo, por sua vitalística convicção no homem e na sua história, Alexei Bueno é uma ilha apartada, aristocrática, dentro da atual poesia de seu país. A sua poesia não é lúdica, divertida, política, social, religiosa. É poesia pura, altíssima, intelectual, filosófica, ainda que nutrida de verdadeira cultura clássica e sustentada por uma autêntica e quase comovente confiança no homem.

Entretanto, falar de Alexei Bueno é ainda uma tarefa arriscada, pois, apesar de o poeta contar com uma produção de reconhecida qualidade, com um respeitável domínio sobre diversos tipos de composição, modalidades de verso ou metrificção, não conta com fortuna crítica que lhe faça justiça.

Assim, a proposta deste trabalho é, inicialmente, delinear o perfil de Alexei Bueno, desenhando-lhe alguns traços, a partir de apontamentos pinçados de entrevistas em que o poeta fala sobre a poesia brasileira, o seu próprio fazer poético e o seu trabalho como editor. Num segundo momento, faz-se um percurso por sua poesia, em especial pelas obras *Poemas gregos* (1985) e *Lucernário* (1993), que compõem *Poesia reunida* (2003), procurando verificar como Alexei Bueno dialoga com a mitologia, na busca de uma genealogia grega na formação do homem ocidental contemporâneo, ao mesmo tempo em que se vislumbra a sua fascinação pela condição humana e sua inquietação diante da história na busca da existência do homem.

Alexei Bueno, um poeta da modernidade

Alexei Bueno fez-se leitor através dos românticos brasileiros, só posteriormente teria lido a obra infantil de Monteiro Lobato, como também seus contos. Foi sempre um leitor voraz, lia, inclusive, as antologias do *Tesouro da juventude*.

Falando dos poetas modernistas brasileiros, ele afirma admirar Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, parte de Jorge de Lima, o Mário de Andrade da “Meditação sobre o Tietê” e de alguns tantos outros poemas, Cecília Meireles de *Mar absoluto* e do magistral *Romanceiro da Inconfidência* e João Cabral de Melo Neto. Em relação à Geração de 45, não percebe nenhum poeta de verdadeira altitude, afinal, afirma o poeta, “o espírito sopra quando quer”. E, completando o pensamento, para o poeta, o único momento na história da literatura no Brasil em que a poesia teve algum peso utópico revolucionário verídico e realmente formador de opinião foi na Abolição, com Castro Alves.

Quanto à poesia brasileira de hoje, segundo ele, há uma tendência, a de explorar um dos vários maneirismos do primeiro modernismo, sobretudo o poema-piada, às vezes, de maneira que parece completamente esgotada. Em contrapartida, ele concorda que possa haver poesia cômica de alta qualidade como sempre existiu em todas as épocas.

Conforme já salientado anteriormente, Alexei Bueno reconhece que o legado das gerações passadas para sua poesia consiste em todo tesouro estético e expressivo que elas deixaram, sem o qual não seria possível falar de poesia hoje. Além disso, o poeta acredita que a poesia está voltada para os que a compreendem; ele próprio não tem a menor preocupação quantitativa, pois o público que interessa à arte é a humanidade vertical, espalhada pelo tempo, não a de cada determinado momento histórico. Afinal, todos morrerão, a pirotecnia e o flipperama de cada época desaparecerão, portanto a arte não deve se preocupar com essas contingências.

O poeta acredita que a relação primordial com a poesia faz-se através do texto escrito, entretanto o poeta ressalta que recitais de poesia podem ser interessantes, quando já há uma relação anterior do leitor com o poeta, para sentir como o artista recita a própria poesia, a fim de observar o efeito na voz de quem a criou. Esse tipo de aproximação poderia resultar numa maior sensibilização em relação à leitura de poesia.

Quanto ao seu fazer poético, com relação aos poetas que o teriam influenciado, ele afirma que não houve influência, e sim, admiração de vida inteira. Cita o nome de mais de cinquenta poetas, começando por Homero até Cecília Meireles e, a certa altura, coloca reticências e conclui, dizendo: “Tantos nomes, tantas omissões que chega a ser ridículo.”

O poeta acredita que tudo exige a sua forma, pois já escreveu poesia observando a métrica, como também com versos livres, tudo depende dos poemas que escreve, que só poderão ser escritos daquela forma; e isso lhe parece óbvio, como também, não acredita em poema sem linguagem poética. Isso justifica encontrarmos as mais variadas composições poéticas na obra de Alexei Bueno, como o soneto, o haicai, a ode, cada uma, possivelmente, respondendo ao momento único de criação poética. Ao discorrer sobre a criação poética, Octavio Paz (1982), de certa maneira, reitera essa questão, ao afirmar: “Quando um poeta encontra sua palavra, reconhece-a: já estava nele. [...] Cada palavra do poema é única. Não há sinônimos. Única e irremovível: impossível ferir um vocábulo, sem ferir todo o poema...” (p. 55).

A esse aspecto é possível atrelar a questão da inspiração poética, outra discussão interessante apresentada por Alexei Bueno. Ele acredita que é um fenômeno exaustiva e milenarmente conhecido pelo qual se designa o momento quando todas as reservas emocionais e conceituais, conscientes e inconscientes, entram em ação no artista, daí advindo a obra a ser feita em tal época e não em outra, nem sobretudo a qualquer

momento, sendo um fenômeno óbvio de psicologia que alguns preferem desconhecer. Dessa forma, sobre o processo de elaboração do poema, o autor afirma que cada vez mais só escreve quando o poema se impõe, o qual vem quase pronto, no geral nele mexendo muito pouco posteriormente, só para ajustar certas inadequações. O poeta escreve, segundo suas palavras, naquele momento “em que todas as reservas emocionais e intelectuais há muito acumuladas, em latência, se reúnem para a eclosão de determinada obra de arte.” Isso talvez justifique por que, em determinados períodos, tenha escrito com regularidade, e, em outros, não o tenha feito.

Segundo o poeta, não há como separar poesia de tradição para o fazer poético, para o qual interessa-lhe a visão em profundidade das coisas, do mundo, que é a fonte de qualquer poesia séria. A poesia não pode ser reduzida ao artesanato – totalmente dominado após certo momento de evolução do poeta –, o que ocorreu no Arcadismo, no Parnasianismo e em outras vanguardas da literatura brasileira, pois o artesanato é tão oco quanto fácil. Acredita na poesia como eficácia e densidade e, em seu fazer poético, nunca buscou “perfumar” coisa alguma, pois é absolutamente direto e voltado para o cerne. Nessa medida, pensa o papel do escritor na sociedade como sendo o de erguer a obra de arte literária o mais alto que possa, para a maior glória do homem.

Quando fala da crítica literária no Brasil, Alexei Bueno considera que passamos por uma crise em relação a essa questão, há já algumas décadas, principalmente em relação à poesia, destacando apenas dois nomes: Carlos Secchin e Miguel Sanches Neto. E enfatiza a questão, afirmando que a crítica brasileira está em plena agonia, pois é uma crítica universitária que vive basicamente de sectarismos, cuja única relação com o fenômeno literário é esperar o que a crítica acha que o fenômeno literário seja. Em outras palavras, a crítica literária não surge após a literatura, a crítica acontece antes e tenta induzi-la. Essa crítica universitária que, geralmente, não representa nada esteticamente, é consumida e esquecida dentro das universidades.

Quanto ao seu trabalho como editor, ele acredita que o fato de ser poeta ajuda no momento da fixação de textos de outros poetas, sobretudo os mais antigos, uma vez que é impossível editar textos clássicos sem um grande conhecimento histórico da língua, do léxico e da literatura.

A vasta produção poética do autor começou a ser editada em 1984, com a obra *As escadas da torre*. Em 1985, lançou *Poemas gregos*. Nos anos

subseqüentes foram editadas: *Livro de baicais* (1988); *Nuctemeron* (1988); *A decomposição de J. S. Bach e outros poemas* (1989); *Magnificat* (1990); *O Aleijadinho* (1991); *A chama inextinguível* (1992). Com algum intervalo, outras obras foram publicadas: *Lucernário* (1993), *A via estreita* (1995); *A juventude dos deuses* (1996), *Entusiasmo* (1997) – essas três últimas formando uma trilogia –, *Quinze poemas mediterrâneos* (1996), *Em sonho* (1999), *Os resistentes* (2001) e *Poesia reunida* (2003), reunião de dez obras do autor.

Em sua atividade como editor, Alexei Bueno organizou: *Obra completa*, de Augusto dos Anjos (1994), *Obra completa*, de Mário de Sá-Carneiro (1995), *Obra reunida*, de Olavo Bilac (1996), *Poesia completa*, de Jorge de Lima (1997), *Obra completa*, de Almada Negreiros (1997), *Poesia e prosa completas de Gonçalves Dias* (1998), nova edição de *Poesia completa e prosa*, de Vinícius de Moraes (1998), *Obra completa*, de Álvares de Azevedo, *Grandes poemas do Romantismo brasileiro* (1994), edição comentada de *Os Lusíadas* (1996), *Antologia pornográfica*: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso (2004).

Merece destaque o trabalho como organizador da *Antologia de poesia portuguesa contemporânea* (1999), em colaboração com o ex-embaixador de Portugal, Alberto da Costa e Silva, obra lançada na *Bienal do Rio: Ofensiva com Nobéu*, em 1999, ocasião em que José Saramago foi homenageado. Essa Bienal foi anunciada como a mais extraordinária, a primeira que teve um país-tema, no caso, Portugal, com o Prêmio Nobel José Saramago. Também organizou *Poemas de amor de Fernando Pessoa* (2001) e *O patrimônio construído*: as 100 mais belas edificações do Brasil (2003), em colaboração com Augusto da Silva Telles e Lauro Cavalcanti.

Com 42 anos de vida, mais da metade deles Alexei Bueno dedicou às letras, investindo em sua arte criativa como poeta, como editor e como organizador de obras de outros autores, o que lhe assevera um lugar de respeito na moderna poesia brasileira.

A poesia de Alexei Bueno

A obra *Poesia reunida*, publicada em 2003, reúne dez livros do poeta, os quais retratam tanto o gosto pela métrica quanto pelos versos livres, afinal, reiterando o que o autor afirmou, cada momento de criação exige sua própria forma. A poesia de Alexei Bueno desenha-se como um grande painel da condição humana, percorrendo os tempos e com eles estabelecendo um diálogo. Sobre a obra do poeta, Cruz (2004) afirma:

“Abrem-se as cortinas e surge o cenário, as personagens, na atmosfera sombria e trágica, por vezes satírica, ou quase debochada. A poesia de Alexei Bueno apresenta-se assim ao leitor com ares de teatro ou de uma grande pintura.”

A força lírica que perpassa a poesia de Alexei Bueno vai além da emoção pura, ela conduz para um tempo imemorial e permite que se dialogue com outras vozes. Monegal (1994, p. 13) afirma que “nem sempre a poesia nasce do tácito diálogo do poeta com a linguagem. Há ocasiões em que necessita do diálogo com outro poeta, a intertextualidade não apenas dos versos, mas também dos fazedores de versos”. Na galeria de obras que compõem *Poesia reunida* (2003), dois livros, em especial, *Poemas gregos* (1985) e *Lucernário* (1993), projetam o leitor através dos tempos, e este vê-se, recorrentemente, diante de figuras mitológicas com as quais o poeta vai firmando sua crença num humano de matrizes gregas.

Em *Poemas gregos* (1985), o poeta estabelece um diálogo com o mundo helênico, um mundo que se descortina, povoado por deuses e deusas, ninfas e faunos. Caronte, Tântalo, Hades, Eos, Dionisos, Posêidon e tantos outros elementos da mitologia grega passeiam pela poesia de Alexei Bueno, enquanto questões fundamentais sobre a condição humana vêm à tona e se impõem ao leitor: a fragilidade humana, o temor diante do desconhecido, a incerteza ante os acontecimentos futuros, a escatologia da morte (a morte tudo consome), a desesperança e a descrença, a insatisfação e a mesquinhez humanas. Em outros momentos, o poeta aposta num ser humano condutor de seu destino, embora ciente da fragmentação do homem e do mundo atual.

O poeta fala da descrença na transcendência quando ironiza os deuses, mostrando-lhes sua inutilidade. (BUENO, 2003):²

Eu, contrário ao geral dos outros homens,
Muito pouco respeito por vós, deuses,
Tenho, e nem temo que em castigo um raio
Divida-me a cabeça. (p. 176).

Entretanto, o poeta realiza um jogo de incredulidade e fé, e revela um eu-poético que manifesta a convicção numa força maior que poderá realizar o milagre de dar vida a esses deuses os quais, alcançando vida, restituem a crença na transcendência como viabilidade para o ser humano. (BUENO, 2003):

[...]
Então, quando há só o nada e o grande Cosmos,
E o do homem espírito insaciado,
Algo eu vejo, que as palavras não dizem
E o próprio ser não sabe,

Algo tão alto e estranho que até a vós,
Pobres deuses sem chão, tal força um dia
Vos enfim fazer vivos poderia,
Tornando-vos verdade. (p. 177).

Mas se a morte tudo consome e, ao final, só nos resta o pó, para que crer na transcendência? Em “Queréias é o meu nome, e a minha vida” (2003, p. 190), o poeta canta a morte como aquela que tudo devora, aquela que, por fim, recoloca o ser humano em equilíbrio e o devolve a sua gênese mais primeva: “Tu és pó, e em pó te hás de tornar.” (GÊNESIS, 3, 19). A inutilidade do gozo ardente e fugaz parece encontrar, finalmente, acomodação, quando o ser humano, transformado em pó, não mais sofre, tampouco “pensa nisso”. (BUENO, 2003):

Queréias é o meu nome, e a minha vida
Como ébrio e louco eu gastei inteira
Até que o gozo ardente e o ouro minguante
Trouxeram-me a este túmulo. Um só dia
Não dei de minha vida insaciável
Ao fundo pensamento e às nobres causas,
E tão súcio a deixei qual nela entrara.
Mas meu pó, como vês, não pensa nisso. (p. 190).

Novamente, a questão da transcendência vem à tona, quando o poeta vislumbra a existência humana como extinta no momento em que ela se transforma em pó. O pó não pensa, portanto não há transcendência, com a morte tudo estaria definitivamente resolvido, porque “meu pó, como vês, não pensa nisso”. Por outro lado, o poema sacode pela sensibilização que carrega no sentido da inutilidade de uma existência vã que, ao termo, só lhe resta a morte como legado, uma morte também vazia, tão vazia quanto fora a existência.

Contudo, perseguindo o jogo do poeta, há um convite para acreditar em algo que suplante a morte e, assim, poder tornar-se mais sábio, “quais deuses” e atravessar rigidamente o tempo. (BUENO, 2003):

A verdade da morte não nos serve
Como não serve um manto
De rasgos sorridente
No carrancudo inverno.

Assim também dos deuses a verdade
De eles serem mentira,
Caso o sejam, não vale
O preço de a encontrarmos.

Antes, no nosso sonho, tão maiores
Que o Estige e que Caronte,
Vivamos não no que há,
Mas no que haver devera.

E, cumpra-se ela ou não, vestindo a túnica
De uma talvez mentira
Mas áurea, ao chão joguemos
Os trapos da verdade.

Para rijos cruzarmos o árduo tempo,
Quais deuses, quais os sábios
Deles iguais, que os reles
Não sabem conhecer. (p. 193-194):

Há outros momentos em que o eu-poético chora pelas almas dos mortos e se pergunta o que poderá consolá-las da nudez e do frio. Pondera que “nem a imortal ambrosia” poderá servir de prêmio. (BUENO, 2003):

Penso nas almas dos mortos
Que cruzam mares de sombra
E sentem roçar sem rumo
As borboletas noturnas.
Sem olhos, o que verão
No de Hades reino terrível?

[...]

Penso nas almas dos mortos. (p. 200-201).

Qual o destino do homem, para onde ele é conduzido afinal, há o homem em última instância e ele pode almejar algum consolo que “pague esta ausência estranha?” A morte, presença constante na poesia de Alexei Bueno, encontra aqui ressonâncias num eu-poético que se angustia diante do destino das almas, sem guia e sem luz que as oriente num reino comandado por um deus impiedoso que não terá complacência com as almas.

Corroborando essa desesperança, o poeta não vislumbra outra possibilidade que a ruína como final de tudo, pois, nem mesmo os oráculos poderão oferecer outras respostas àquilo que já é conhecido de todos. (BUENO, 2003):

Que do futuro nós saber podemos
Mais que a ruína, que é o final de tudo?
A vós que a oráculos buscais a ciência
De vossa sorte, a morte que não mente
Brada: Sou eu! Portanto não busqueis
Saber aquilo que já é o mais sabido,
Pois mesmo tu, de Delfos grande templo,
Não nos respondes até quando as tuas
Fortes colunas vão ficar de pé. (p. 180-181).

Entrementes, esse mesmo eu-lírico, que tão contundentemente despe a alma humana, expondo-a no que ela tem de mais frágil, em sua mais profunda miserabilidade, também se coloca na vida qual o raio que, embora efêmero, seja luz e, mesmo extinto, continue reboando. Nesse gesto, não se coloca isolado, exorta que outros também o façam, pois há a crença nesse ser humano que pode conduzir a sua história. (BUENO, 2003):

Que a tua vida, já que o tempo é breve,
E o fim não dá motivo à covardia,
Tal qual o raio efêmero ela seja,
Que mal feriu a vista em trevas some,
Mal ilumina no seu tempo, e ainda
Que igual a ele, após extinta, soe! (p. 180).

O convite do poeta é que se faça da vida, embora breve, um ato de glória, seja vivida significativamente e continue repercutindo, após extinta.

Assim como em *Poemas gregos* (1985), em *Lucernário* (1993) o poeta retoma a genealogia helênica e estabelece uma interlocução entre as duas obras. Temas e personagens ligados à Antiguidade grega ressurgem nesse livro, corroborando características que diferenciam o seu trabalho de outras vertentes da poesia brasileira da modernidade. O livro inicia com a epígrafe retirada da obra *Roma subterrânea*³³, a qual fala de um lucernário que aparece numa das extremidades de um labirinto, encontrado ao final do percurso de várias galerias poeirentas “há uma quase” eternidade, depois de apagadas as tochas. A voz narrativa assevera que, quando os semblantes dos santos e mártires emergiram no lusco-fusco, houve uma tal unidade de vida através dos tempos que naquele momento os membros da expedição tiveram todos os nomes que já pertenceram a um homem, e não apenas o singular e mesquinho com que lá haviam entrado. Assim, tanto o título da obra quanto a epígrafe parecem conjugar aspectos para um projeto do poeta em que persiste a busca de uma origem grega, a crença num humano com matrizes helênicas. Sua fascinação pelas questões da condição humana traz à tona o homem fadado à angústia e ao desespero, cujas raízes se localizam nos mitos do mundo grego. Os poemas dessa obra são impregnados de uma extraordinária força metafórica, em que o poeta mescla poesia que se volta para o interior, para o pessoal, com outra que é histórica e coletiva.

Enquanto na obra *Poemas gregos* os poemas não são iniciados com título, sendo identificados no sumário pelo primeiro verso, em *Lucernário*, o título das composições poéticas sensibiliza o leitor para a interlocução com o tempo, pela referência a temas e personagens do mundo helênico. O poema “Helena” é um convite ao mergulho na história, da qual se emerge para refletir, mais uma vez, sobre a circunstância humana. (BUENO, 2003):

No cômodo onde Menelau vivera
Bateram. Nada. Helena estava morta.
A última aia a entrar fechou a porta,
Levavam linho, unguento, âmbar e cera.

Noventa e sete anos. Suas pernas
Eram dois galhos recurvados.
Seus seios até o umbigo desdobrados
Cobriam-lhe três hérnias bem externas.

Na boca sem um dente os lábios frouxos

Murchavam, ralo pêlo lhe cobria
O sexo que de perto parecia
Um pergaminho antigo de tons roxos.

Maquiaram-lhe as pálpebras vincadas,
Compuseram seus ossos quebradiços,
Deram-lhe à boca uns rubores postiços,
Envolveram-na em faixas perfumadas.

Então chamas onívoras tragaram
A carne que cindiu tantas vontades.
Quando sua sombra idosa entrou no Hades
As sombras dos heróis todas choraram. (p. 245).

Helena simboliza a criatura sedutora e seduzida, pois ela viveu apenas em função do amor. Sua beleza, a um tempo divina e mortal, exerceu um fascínio irresistível sobre os homens, causando uma guerra que levou à morte e à desgraça gregos e troianos. Ainda assim, Príamo, rei de Tróia, e seu filho Heitor, os que mais sofreram com todos os acontecimentos, são os que mais a defendem, pois entendem que ela cumpre desígnios divinos, eximindo-a de qualquer culpa. O próprio Menelau, finda a guerra, está decidido a matá-la pela traição sofrida, entretanto, diante da imagem da mulher, é novamente arrebatado pela paixão, mais forte que a própria razão. O poeta canta a mulher que envelheceu como qualquer mortal, pois, ainda uma vez, ele lembra que “do pó viemos e ao pó retornaremos”. Não importa quantas guerras poderão ser lutadas, fatalmente acabarão. A grandeza humana das grandes conquistas, das batalhas coletivas, do combate heróico é confrontada com a única certeza que resta ao ser humano: a finitude das coisas, na medida em que o ser humano é perecível. Ao final, às sombras dos heróis só restou chorarem.

Alexei Bueno continua buscando as raízes do *ethos* humano nas matrizes do mundo greco-romano. Incansavelmente, o poeta traz à tona o comportamento do mundo moderno, do ser humano fragmentado, angustiado e sem saída, desse mesmo homem que, há séculos, só realizou a sua catarse pela medida extremada – a concretização da morte. Paz (1982), pondera que a poesia vive nas camadas mais profundas do ser e se nutre dessa essência. Assim:

No poema a sociedade se depara com os fundamentos de seu ser, com sua palavra primeira. Ao proferir essa palavra original, o homem se criou. Aquiles e Odisseu são algo mais que duas figuras heróicas: são o destino grego criando-se a si mesmo. O poema é mediação entre a sociedade e aquele que a funda. Sem Homero, o povo grego não seria o que foi. O poema nos revela o que somos e nos convida a ser o que somos. (p. 50).

Em “Os tempos” (BUENO, 2003), o poeta põe o ser humano a nu, em sua cruzeza e desesperança:

Tu és moderno neste momento,
Enquanto passa tua alma e o vento,

Uma mulher, de um homem largada,
Mata os dois filhos, alucinada.

Degola os dois, enquanto farreia
O pai. Seu nome não é Medéia.

É um outro nome. Tu és moderno.
E o vento passa, odorante e terno. (p. 267).

“Seu nome não é Medéia”, o nome é outro, pois o momento é outro, entretanto “Uma mulher, de um homem largada,” trilha o destino de Medéia e aproxima os tempos. Retomando Paz (1982), a obra retorna às suas fontes e se torna objeto de comunhão, pois a palavra, afirma o autor, é uma ponte através da qual o ser humano busca suplantar a distância que o separa da realidade externa, embora essa distância faça parte da natureza humana. Para dissolvê-la, o homem deverá renunciar à sua humanidade, ou transcender a essa condição. Essas questões estão latentes no homem moderno, e a poesia contemporânea busca se movimentar entre esses dois pólos, os quais, segundo o autor, manifestam a rebelião do homem contra sua própria condição.

Em “Tróia” (BUENO, 2003), o eu-lírico convida ao olhar mais profundo, aquele que vê com todos os sentidos e além deles, que sabe além de todos os sentidos e acontecimentos e crê na utopia, pois “Quem faz o mundo é o sonho”:

Tudo houve aqui, e aqui era tão pouco...
Nem portais, nem palácio, nem muralhas
Viram tais blocos de adobes e palhas,
Nem mesmo Aquiles rouco

De dor, nem um estranho cavalo oco...
Só ele, o Cego, os viu. Tantas batalhas
De após, entre milhões, foram migalhas
Junto a esse sonho louco.

Vós, mortos de outras guerras, sois as lendas
Perto desses que nunca guerream.
Mortal, nunca te prendas

Demais ao que achas que é. Quem faz o mundo
É o sonho. Os olhos do cego fitaram
O humano sol mais fundo. (p. 278-279).

Quando os olhos se fecham para a mundanidade, é possível ver “mais fundo”, buscar a essência da vida, uma relação intensa com a existência, pois ao cego foi dado fitar “O humano sol mais fundo”.

Em “Ítaca” (BUENO, 2003), o eu-lírico faz um retorno a casa. Apesar dos longos vinte anos de afastamento, Ulisses sabe que a mulher Penélope e o filho Telêmaco o esperam. Ao fim de cada estrofe do poema, o verso reitera essa certeza: “Ítaca me espera”, como porto seguro de toda vida, ideal a ser alcançado ao final de tudo. A descrição das peripécias por que passa o herói coloca o leitor diante de imagens colossais, tão bem cantadas em *Odisséia*, por Homero, entretanto, lembrando Bosi (2000, p. 135), são imagens singulares, porque “são imagens ricas de todas as determinações que a experiência do poeta [...] já conheceu”, no diálogo que ele estabelece com tempos imemoriais:

Quer tremam os céus
Que me auguram morte
Ou se estorça o deus
Da úmida cratera
Contra a minha sorte,
Ítaca me espera.

Cheire-me o gigante
Na inviolável furna,

[...]
Ítaca me espera.

Puxem-me as sereias
Com sonoros laços,
[...]
Ítaca me espera.

[...]
E então durmam tortos
De risos e vinhos,
Vivos quase mortos,
Neles meu ser gera
A ânsia dos caminhos.
Ítaca me espera! (p. 283-284).

Ao cabo de tudo, deve restar uma “Ítaca” que nos aguarda para servir de refúgio, como prêmio de toda uma existência de guerras coletivas e particulares. “Nem a imortal ambrosia” servirá de consolo, pois o grande prêmio será voltar para casa, para as raízes mais profundas.

Considerações finais

Alexei Bueno reapresenta modos de viver e de pensar, abrindo as portas para a interlocução com a Antiguidade clássica. A poética desse autor denuncia a preocupação com o ser humano que vive sua circunstância num mundo fragmentado, e o poeta o faz de forma muito humana, corajosa, profunda.

Bosi (2004) pondera que, no encontro dos tempos,

mesmo quando o poeta fala do seu tempo, da sua experiência de homem de hoje, ele o faz, quando poeta, de um modo que não é o do senso comum, fortemente ideologizado; mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo “eterno” da fala, cíclico, por isso antigo e novo, absorve, no seu código de imagens e recorrência, os dados que lhe fornece o mundo de hoje, egoísta e abstrato. (p. 131).

Assim, legitima-se a existência da instância poética que tão bem Alexei Bueno arquiteta, retirando-a do passado e da memória, inaugurando, dessa forma, uma nova vertente da poesia moderna brasileira.

Notas

¹ Poeta carioca, nascido a 26 de abril de 1963.

² Os poemas trabalhados no texto foram retirados dos livros *Poemas gregos* e

Lucernário que compõem a edição: BUENO, Alexei. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

³ Lorenzo Piavole, 1728.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulinas, 1971.
- BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BUENO, A. *A chama inextinguível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- _____. *Poemas gregos*. In: _____. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 171-209.
- _____. *Lucernário*. In: _____. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003. p. 233-284.
- _____. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- CRUZ, A. *Mergulho na condição humana*. (2004). Disponível em: <http://www.tracaonline.com.br/index.php?edicao=14&secao=7>. Acesso em: 8 fev. 2004.
- D'ONÓFRIO, S. *Literatura ocidental: autores e obras fundamentais*. São Paulo: Ática, 2004.
- EURÍPEDES. *Medéia*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- GUIMARÃES, R. *Dicionário da mitologia grega*. São Paulo: Cultrix, 2002.
- HOMERO. *Odisséia*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- _____. *Iliada*. 4. ed. Trad. de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003. v. 1.
- _____. *Iliada*. Trad. de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2002. v. 2.
- LANGLOIS, J. M. I. *Rilke, Pound, Neruda: três mestres da poesia contemporânea*. São Paulo: Nerman, 1988.
- LEÃO, R. de S. Entrevista com Alexei Bueno. *Planeta Terra*, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <http://www.geocities.com/SoHo/Lofts/1418/alexei.htm>. Acesso em: 28 abr. 2005.
- LUCHESI, M. Interminabilis vitae possessio. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/bue05.html>. Acesso em: 28 abr. 2005.
- MORICONI, I. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MEIRELES, C. *Mar absoluto e outros poemas: retrato natural*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- MONEGAL, E. R. Blanco/branco:transblanco. In: PAZ, Octavio; CAMPOS, Haroldo de. *Transblanco*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- ORSINI, Elisabeth. Entrevistando três poetas. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/jpoesia/eorsini01c.html>. Acesso em: 28 abr. 2005.
- PAZ, O. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- PAZ, O.; CAMPOS, H. de. *Transblanco*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PICCHIO, L. S. Contracapa. In: BUENO, A. *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- SÊNECA. *Medéia*. In: _____. *Obras*. São Paulo: Atena, 1961.